

LEVANTA-TE E CAMINHA

AINDA hoje não sei dizer qual fosse o programa e conteúdo ideológico do «Núcleo do (ou de?) Ressurgimento Nacional» nem por que meios ele contava regenerar a Pátria, essa velha obsessão. Em longos debates de bem ano e meio, nunca nos foi possível arrancar uma clara definição de propósitos ao seu animador, o alferes miliciano Manuel Gomes dos Santos, orador infatigável, que podia discursar horas seguidas sem se fazer entender. Ainda novo, mas de idade indefinível, pálido, de olhos claros e inexpressivos, capaz de cordialidade e até de um riso algo forçado, estudante meticoloso de Direito e memorizador emérito da Sebenta e de obras sobre os «milagres» da Vontade, era um destes homens em cuja intimidade e intenções nos não é possível penetrar, de tal modo eles se envolvem de fórmulas e rituais crípticos, reforçados pela intransigência das opiniões. Tinha servido em África, mas não sei que feitos por lá praticara: os nossos Lawrences-da-Arábia não chegam a

exprimir-se, ou passam despercebidos a uma literatura de superficiais simplificações e doutrinarismos. Fora «sidonista», como tantos que procuravam numa ordem abstracta, das ruas ou das almas, a solução de enigmas nem sequer formulados, ou reagiam contra o regime republicano, tomando por extremismo o que era apenas um luta desesperada pela sobrevivência. De vez em quando explodia em veementes tiradas de ressentimento contra os «democráticos», os açambarcadores, especuladores e novos-ricos, que para ele simbolizavam o «materialismo» dos tempos. Embora pobre, laborioso e inimigo de fidalgarias, privilégios e preconceitos, mas cego para os seus próprios, aproximava-se da gente «bem», a quem tratava com a rispidez dos preceptores plebeus em casa nobre. São assim certos personagens do teatro de Tchékhev. Tinha, além disso, uma inabalável fé nas virtudes militares, aptas (segundo ele) a resolver todos os problemas que afligiam a nação, incluindo o da Ordem.

Com os seus modos e hábitos estranhos, a oratória e o misticismo informe, este homem complexo e simplório, sincero e missionário, tornou-se um fácil alvo de troças. Mas que sabemos nós das formas larvares de vesânia, entre nós tão comuns, das suas causas, ou do que elas significam e escondem? Também nós, seus companheiros ocasionais, nos ríamos um pouco à custa dele, mas com tolerância e até simpatia. Afinal, toda aquela retórica não podia levar-nos muito longe!

O N.R.N. tinha de tudo: muitos estudantes, na maioria republicanos (nenhum monárquico confesso), um número impressionante de jovens oficiais milicianos e até da Marinha de Guerra,

alguns profissionais, poetas, empregados, indianos, ilhéus e naturistas (como era inevitável). Muitos transitaram depois para a segunda Liga da Mocidade Republicana, em que Mayer Garção e eu tivemos papel dirigente, e mais tarde para os «jovens» da *Seara Nova*. O tempo da mocidade é curto, mas denso de affectos e actividades. Reagíamos, sem dúvida, contra a confusão, a intransigência, os excessos de partidarismo, a desilusão, o mercantilismo da época; procurávamos um caminho, sem saber aonde ele nos levava; éramos parte da fermentação inerente às liberdades democráticas; e, se ela decorria em câmara fechada, isso era preferível a estar calado ou morto. Depois do fracasso do sidonismo e das tentativas monárquicas de 1919, só a *Seara Nova* viria em breve, se por pouco tempo, oferecer à mocidade insatisfeita um terreno de entendimento e um novo rumo dentro das instituições. Muitos houve, porém, que prudentemente se abstiveram de assumir responsabilidades, na previsão de futuras borrascas: era mais fácil ser republicano de ficar em casa, no protesto silencioso ou no culto de alguma «estética». Não atravessa porventura o mundo de hoje uma fase equivalente? Quanta esperança e quanta desilusão!

Podiam rir-se de nós os «modernistas» do Chiado, alheios ou superiores aos azares da política: o a-politismo, que é quase sempre uma política de sinal contrário (ou resulta nela), só os levaria à desvitalização e ao isolamento. O que não é dizer que eu julgue, ou julgasse então, todos os homens obrigados a reger-se por um só padrão de pensamento e conduta: *politique d'abord* ou demagogismo, tantas vezes esterili-

zantes da criação e do próprio criador, que reclama certa medida de solidão ou distanciamento, quase sempre paga em sofrimento. Mas a liberdade parecia-nos fecunda mesmo quando errava ou implicava contradições. Tudo nesse tempo era anseio de novidade, renovo e mudança: ópios, escapes, passageiras seduções ou perenes realidades, só o tempo o viria a dizer.

Promovíamos saraus e comemorações patrióticas em escolas, sociedades, ateneus, asilos e teatros, com cantoria, piano e discursos em barda. Todos os pretextos nos serviam: o Dia de Camões, o Primeiro de Dezembro, os Cemitérios da Flandres (ainda recordo a pitoresca palestra de Leal da Câmara, que recentemente regressara da França), as Viagens Aéreas e não sei quanto mais. Os jornais publicavam-nos todos os apelos e comunicados: «O Núcleo de Ressurgimento Nacional promove esta noite...» Andávamos pelos gabinetes da Arcada a convidar ministros que iam pacientemente presidir às nossas cerimónias, e até aplaudir-nos, como António Granjo, sem compreender mais do que nós os motivos e finalidades de tão esforçada oratória.